

RESENHA

OLIVEIRA, RISOLEIDE ROSA FREIRE DE. **REVISÃO DE TEXTOS: DA PRÁTICA À TEORIA**. NATAL: EDUFRN, 2016.

Breno Silva ANDRADE

Renilson Nóbrega GOMES

Universidade Federal de Campina Grande

A obra “Revisão de textos: da prática à teoria”, por Risoleide Rosa Freire de Oliveira¹, cumpre, a nosso ver, didática e objetivamente a proposta de reduzir a lacuna teórico-metodológica de preceitos gramaticais apresentando um processo de revisão que vai além dos aspectos restritos à linguística, contemplando noções dialógicas e discursivas, bem como a efetiva interação revisor-autor-texto. Para tanto, a autora promove uma abordagem clara e detalhada tanto sobre a prática da revisão e suas ponderações como também discorre sobre a teoria que valida sua atuação.

Inicialmente, a primeira parte traz um instigante posicionamento de Oliveira ao estabelecer a atividade do Revisor para uma situacionalidade no mundo, assim como a Linguística Aplicada (LA) tende a romper com o “falso equacionamento”, o qual para ela é proposto ao ampliar-se para um contexto social mais amplo. O trabalho da linguagem, então, como na atividade de Revisão, é visualizado dentro de várias instâncias da vida humana.

Na seção seguinte – “Reverendo os dizeres sobre revisão” –, a autora conduz de maneira explicativa e fundamentada, o rompimento da perspectiva sobre a revisão ser uma etapa essencialmente posterior a escrita e restrita a correções de norma culta. Para tanto, Oliveira embasa seus argumentos em autores como Gehrke, cujo processo de revisão é debatido sobre um viés recursivo, isto é, passível de ser feito em qualquer etapa do processo de escrita. A interação revisor-autor-texto é, dessa forma, defendida por não apenas condicionar as boas

¹ Doutora em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e Professora Adjunta, na mesma Universidade, do Departamento de Letras Vernáculas (DLV) do Campus de Açu e do Mestrado Profissional em Letras (Profletras).

práticas da escrita, mas pela sua fulcral relação com a linguagem enquanto prática social e fundamentada na intersubjetividade.

Ao tratar sobre a escrita e sua concepção social e discursiva, a autora fundamenta seu pensamento na perspectiva bakhtiniana cujo discurso se envolve e progride por meio de uma discussão ideológica, sendo feito de maneira ativa. Ademais, faz-se uma excelente referência a Platão e o uso da palavra “phármakon” para relacionar o uso da escrita ora como veneno, ora como remédio na discussão posterior em que um panorama histórico é feito sobre a evolução da escrita. Logo, em uma sucinta, porém, eficaz discussão, Oliveira perpassa as fases da escrita como uma essencial manifestação das ideias humanas. Ressalto, além disso, a boa explicação e condução das ideias pela autora que conseguiu tanto abordar a relevância da escrita desenvolvida na mesopotâmia e sua evolução até o signo logográfico, como também apresentou a representatividade do impacto da escrita na transformação cultural do homem através da interpretação subjetiva do leitor, tecnologia de divulgação – a exemplo da prensa gutenberguiana – e da escolarização que se volta para as conceitualizações de um indivíduo frente a sua realidade.

A seção que segue – “A escrita como objeto de estudo” – apresenta as principais abordagens sobre o objeto de estudo da linguagem, sendo elas: a evolutiva, a cognitivista e a social. Inclusive, sendo a última tida como o foco do próprio livro. Todavia, o debate sobre essas considerações poderia ter sido apresentado de forma mais sucinta ao contrário das mais de dez páginas usadas para o posicionamento de diferentes autores, já que o livro se concentra apenas sobre a abordagem social.

Seguidamente, em “Do discurso à estrutura”, Oliveira detém alguns dos mais importantes posicionamentos discursivos do livro sobre a abordagem social e a teoria do “Círculo de Bakhtin”. Nessa parte, a autora discorre sobre a linguagem como uma interação social em enunciados construídos de maneira dialética. Tal abordagem fundamenta-se na compreensão de construtos-metodológicos que se inter-relacionam e são fundamentais no entendimento dos revisores sobre os textos que, na minha opinião, o leitor não pode deixar de conhecê-los.

Passando, então, para a segunda parte do livro, tem-se a seção “Manuais em discussão” que promove a análise de dois manuais para a revisão – Manual de revisão, de Guilherme (1967),

e o Manual do revisor, de Malta (2000). Assim, Oliveira discorre acerca das abordagens sobre tais atividades e como elas são apresentadas em materiais próprios da área. Todavia, mesmo que necessária, a extensão de debate é excessivamente longa já que o conteúdo das análises aborda parte considerável dos argumentos apresentados na primeira parte do livro.

Ao tratar sobre o diálogo entre revisores, os quais foram entrevistados Lígia, Fernando e Aurélio, a autora confirma partes consideráveis da discussão já proposta sobre a necessária atualização cultural do profissional, bem como a posição axiológica que, junto as demais noções bakhtinianas, é posta em exercício como recurso para uma boa prática de revisão. Todavia, mesmo experientes em suas áreas, noções conservadoras ainda são notadas a exemplo do entrevistado Aurélio que destoou da perspectiva mais ampla sobre a linguagem – adotada pelos colegas Lígia e Fernando – ao referenciar o revisor como um “policia da língua”. Adicionalmente, quando a entrevista se torna coletiva, há uma convergência destacável dos posicionamentos dos revisores que debatem, principalmente, a relação necessária entre eles e os autores para a produção textual.

Ao chegar na última seção do livro – “Trajetória de uma revisora” – a autora promove um debate de suma importância para a conclusão de suas ideias ao, inicialmente, apresentar-se enquanto revisora e discorrer sobre sua trajetória da mesma maneira que fizeram os seus entrevistados. Além disso, Oliveira traz três discussões que evidenciam o diálogo revisor-autor, sendo a primeira com uma escritora mais experiente e as duas últimas com alunas da graduação. Assim, o posicionamento discursivo de Oliveira junto as estratégias tidas para o efetivo diálogo com as autoras, foram visualizadas em sua atuação prática na promoção da resolução de conflitos e dúvidas de ordem discursiva e/ou estrutural.

Portanto, o livro “Revisão de textos: da prática à teoria” se mostra como uma excelente produção em termos didáticos e teóricos que traz consigo uma discussão relevante sobre o processo de revisão e a atuação profissional do revisor. Ressalta-se, ademais, a satisfatória argumentação e correlação de exemplos presentes no texto que enriquecem os posicionamentos da autora ao aproximá-los da realidade prática de atuação. A obra, desse modo, é uma ótima recomendação tanto para estudantes de letras como para interessados no processo de revisão.

Breno Silva ANDRADE

Graduando do terceiro período do curso de Letras Língua Portuguesa (licenciatura) pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), pesquisador do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC, 2022-2023) e estudante no grupo de pesquisa Teorias da Linguagem e Ensino, da Universidade Federal de Campina Grande.

Renilson Nóbrega GOMES

É licenciado em Letras pela Universidade Estadual da Paraíba (2001) e pós-graduado (latu sensu) em Linguística e Literatura (2003) e Formação do Educador (2005); ambas cursadas na instituição acadêmica citada. É também Mestre em Letras (2019) pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, campus de Currais Novos-RN. É Doutorando em Linguagem e Ensino pela Universidade Federal de Campina Grande. Leciona a disciplina de Língua Portuguesa em turmas dos Anos Finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio.

Recebido em 01/outubro/2022 - Aceito em 03/março/2023.